



Artigo



O Imaginário Social e a Contratação de Mulheres Negras

The Social Imaginary and the Hiring of Black Women

El Imaginario Social y la Contratación de Mujeres Negras

L'Imaginaire Social et l'Ebauche des Femmes Noires

Sandra Regina Ramos Braz¹

¹ Graduado em Psicologia pela Universidade Ibirapuera, São Paulo, SP, Brasil; mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. É pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Política, Políticas Públicas e Multiculturalismo.

 <https://orcid.org/0000-0001-7824-760X> E-mail: sanramos07@hotmail.com

Resumo

O presente artigo problematiza se os mecanismos utilizados nos discursos em meios sociais e mídias, dificultam a inserção de mulheres negras no mercado de trabalho corroborado pela disseminação de um imaginário social atravessado por discursos depreciativos; se a formação acadêmica delas tem contribuído para o reconhecimento de seu potencial para possível contratação e trabalho em áreas consideradas de prestígio. Escolheu-se a obra de Jesus (2019) uma mulher negra, como referência de uma memória do século passado que descreve a trajetória da mulher negra em busca de melhores condições de trabalho; diz sobre as contribuições dos registros para pensar as memórias sociais, políticas, culturais, e os discursos baseados em imaginário social. Justifica-se a importância da temática, em função de em dias atuais se presentificarem discursos que depreciam a figura da mulher negra, em razão do papel social que elas ocupam, em diferentes âmbitos, seja no entorno do comunitário, ou, de trabalho. Observamos que poucos artigos trabalham a questão da memória relacionando-a às questões sociais, no campo da educação e do trabalho, demonstrando uma lacuna a ser investigada. Os resultados demonstram a necessidade de ampliação nas discussões referentes as pessoas negras e o processo de naturalização dos espaços de trabalhos a elas relegadas.

Palavras-Chave: Literatura; Mulheres Negras; Imaginário Social; Memórias; Trabalho.

Abstract

This article aims to problematize whether the mechanisms used in speeches in social circles and media hinder the insertion of black women in the job market, corroborated by the dissemination of a social imaginary permeated by derogatory speeches; whether their academic training has contributed to the recognition of their potential for possible employment in areas considered prestigious. The work of Jesus (2019), a black woman, was chosen as a reference for a memory from the last century that describes the trajectory of black women in search of better working conditions; says about the contributions of records to thinking about social, political, cultural memories, and discourses based on social imaginary. The importance of the theme is justified, due to the fact that nowadays there are discourses that depreciate the figure of black women, due to the social role they occupy, in different areas, whether in the community or work environment. We observed that few articles deal with the issue of memory in relation to social issues, in the field of education and work, demonstrating a gap to be investigated. The results demonstrate the need to expand discussions regarding black people and the process of naturalizing the workspaces relegated to them.

Keywords: Literature; Black Women; Social Imaginary; Memories; Work.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo problematizar sobre si los mecanismos utilizados en los discursos en los círculos Sociales y en los medios de comunicación obstaculizan la inserción de las mujeres negras en el mercado laboral, corroborado por la difusión de un imaginario social permeado por discursos despectivos; si su formación académica ha contribuido al reconocimiento de su potencial para un posible empleo en áreas consideradas de prestigio. La obra de Jesús (2019), una mujer negra, fue elegida como referente para una memoria del siglo pasado que describe la trayectoria de las mujeres negras en búsqueda de mejores condiciones laborales; dice sobre las contribuciones de los registros al pensamiento de las memorias sociales, políticas, culturales y de los discursos basados en imaginarios sociales. El tema se justifica debido a que aún existen discursos que desprecian la mujer negra por los roles sociales que ocupan. Y eso en diferentes ámbitos, sea en el comunitario o en el laboral. Así, pocos artículos tratan la relación entre memoria y educación o trabajo, lo que demuestra una laguna que debe investigarse. Los resultados demuestran la necesidad de ampliar las discusiones sobre las personas negras y el proceso de naturalización de sus espacios de trabajo.

Palabras Clave: Literatura; Mujeres Negras; Imaginario Social; Memorias; Trabajo.

Resumé

Cet article vise à problématiser si les mécanismes utilisés dans les discours dans les milieux sociaux et médiatiques entravent l'insertion des femmes noires sur le marché du travail, corroborés par la diffusion d'un imaginaire social imprègne de discours désobligeants; si leur formation universitaire a contribué à la reconnaissance de leur potentiel d'emploi dans des domaines considérés comme prestigieux. L'œuvre de Jesús (2019), une femme noire, a été choisie comme référence pour une mémoire du siècle dernier qui décrit le parcours des femmes noires à la recherche de meilleures conditions de travail; parle des contributions des archives à la réflexion sur les mémoires sociales, politiques et culturelles et sur les discours fondés sur l'imaginaire social. L'importance du thème se justifie, du fait qu'il existe aujourd'hui des discours qui dévalorisent la figure des femmes noires, en raison du rôle social qu'elles occupent, dans différents domaines, que ce soit dans la communauté ou dans le milieu de travail. Nous avons observé que peu d'articles traitent de la question de la mémoire en relation avec des thèmes tels que l'éducation et le travail, ce qui constitue une lacune à combler. Les résultats démontrent la nécessité d'élégir les débats sur les personnes noires et le processus de naturalisation des espaces de travail qui leur sont relégués.

Mots-Clés: Littérature; Femmes noires; Imaginaire social; Mémoires; Travail.

Introdução

Antes de adentrarmos na discussão propriamente dita, referente à contratação de mulheres negras para cargos específicos de políticas públicas no mundo do trabalho, vale ressaltar que as discussões aqui apresentadas têm um caráter interdisciplinar e uma proposta de perspectiva crítica dialogando com diferentes saberes. Entende-se por interdisciplinaridade um conceito que epistemologicamente se propõe entender e articular com conceitos de diferentes áreas do saber, visando assim, ter uma compreensão metodológica, de instrumentos e técnicas que corroborem para a comparação e análise do todo e das particularidades que são discutidas em outras áreas de estudo (Thiesen, 2008; Silva e cols., 2018). Assim, discorreremos sobre as intersecções das variáveis raça, gênero e classe, como forma de problematizar os marcadores sociais que estigmatizam alguns atores da sociedade e, inviabiliza a trajetória em alguns espaços.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (Crenshaw, 2002: 177, citado por Lima, Rios & França, 2013: 54).

Dito isto, o artigo visa problematizar sobre o imaginário social (Orlandi, 1994; Taylor, 2002) relacionado aos discursos empreendidos à população negra no que tange à inserção das mulheres no mercado de trabalho e, semelhantemente pontua sobre as formações acadêmicas das mulheres negras e não negras, destacando as diferenças de oportunidades no mundo do trabalho atravessada pela racialidade/raça (Silva & Braz, 2020). É importante lembrar que “as formas do imaginário social predominante no mundo ocidental [são] a economia, a esfera pública e o poder soberano do povo” (Taylor, 2015: 95). Portanto, o imaginário social é uma instância essencial importante para a formação histórica da subjetividade e dos sujeitos, ocupando um papel relevante como *ethos* político na produção das múltiplas subjetividades. E, nesse sentido, Eni Orlandi (1994: 57) recorda que “se tira a história, a palavra vira imagem pura. Essa relação com a história mostra a eficácia do imaginário, capaz de determinar transformações nas relações sociais e de constituir práticas.”.

Apresenta-se no primeiro tópico um breve relato referente às contribuições dos movimentos negros na área da educação como formação para incidir à área do trabalho; no segundo tópico destaca-se a importância das representações sociais; no terceiro evidencia-se as diferentes dimensões da memória atrelado ao imaginário social, tendo nas considerações finais as proposições discutidas e o indicativo de contribuição para as condições concretas vivenciadas pelas mulheres negras.

As condições concretas existenciais, também são mediadas pela política, um espaço que abarca um processo contínuo de discussões e implementações de políticas públicas no intuito de subsidiar a sociedade civil, um espaço passível de o surgimento de novas demandas e de conflitos de visões de mundo presentes nas relações interpessoais (Silva, 2018).

Os conflitos nos espaços de disputas e sistematização de ideias, necessitam ser argumentativos e não de aniquilamento, ou, de inviabilidade do sujeito em suas garantias de direitos (Rancière, 1996). Por isso não se pode esquecer que “Contra la amenaza del olvido, la memoria se presenta como forma de resistencia y lucha política y de diferentes maneras es reconstruida por la multiplicidad de los grupos sociales” (Silva e cols. 2018).

Em face às discussões concernentes aos espaços de disputas, faz-se necessário também dizer que as diferenças ao acesso de direitos sociais, passam pela temática da territorialidade, sendo o recorte territorial parte de os dados de censo demográfico. Nesta mesma linha de discussão sobre direitos sociais, destaca-se a condição de inclusão-exclusão, do ponto de vista formação acadêmica e inserção ao mundo do trabalho e, na lógica da dialética, a desigualdade e a falta de compromisso político podem propiciar fronteiras ao acesso à igualdade de direitos sociais (Sawaia, 2001).

1. Breve Relato Sobre as Contribuições dos Movimentos Sociais: movimentações e reivindicações

A população negra tem em seu horizonte, desde o Brasil colônia, formas de organização quanto movimentos sociais para que suas pautas de reivindicações de acesso às escolas sejam atendidas e garantam melhores condições de vida. Pois, as diferentes precarizações e ausências dos direitos sociais à classe pobre e negra se perpetuam sistematicamente pelas mazelas da vida cotidiana.

Neste processo histórico a que se destacar: a) os empreendimentos que os movimentos sociais têm realizados para a construção de reflexões críticas, b) os investimentos de tempo e conhecimento que incidam em conscientização para que os diferentes atores que ocupam os espaços de movimentos sociais tenham acesso à articulação política de enfrentamento as mazelas, como também, possam fazer uso do processo libertário subsidiado pela conscientização (Freire, 1987).

Desde a década de 1889 têm-se registros relacionados aos enfrentamentos às precarizações na área educacional, objetivando reparos históricos a partir da implementação da *Sociedade Beneficente Luís Gama*. Esta proporcionava cursos para adultos trabalhadores (Domingues, 2008), amparando não só os adultos, mas jovens em suas atividades educacionais.

Na então conjuntura política, os enfrentamentos às mazelas foram realizados pelos movimentos negros. Por meio de suas ações se configuraram propostas implementadas pela *Sociedade Beneficente Luís Gama*. Outras iniciativas se presentificaram por meio de outros entes que igualmente foram organizados por pessoas negras que viam na educação uma possibilidade em ascender às condições melhores de vida e oportunidade de trabalho (Domingues, 2008).

Entre os anos de 1897 e 1930, as entidades de luta e resistência no contexto brasileiro se configuraram com a Frente Negra Brasileira (FNB), instaurada na cidade de São Paulo pelos

Afropaulistas. Tal organização, proporcionou mobilizações políticas e reivindicações. Contudo, mesmo com a organização política da população negra, isto não garantiu a inclusão de suas reivindicações nos programas políticos das elites (Domingues, 2008).

2. A Vida Cotidiana e a Importância de Representatividade de Pessoas Negras nos Diferentes Espaços

A discriminação racial funciona para os brancos como calçados que usam para correr contra negros descalços. Torna a corrida tranquila para os primeiros e extenuante para os últimos. Para que a equalização racial ocorra no Brasil, em um horizonte de tempo aceitável, é preciso, primeiro, tirar os calçados dos brancos. Depois, deixá-los correrem descalços por algum tempo e calçar os negros para que os alcancem (Osório, 2008: 91, citado por Carvalho, 2013:81).

Com base na revisão de literatura realizado na *Lilacs* e *Web of Science*, observou-se poucos resultados de artigos que discutem a temática da memória no escopo social no campo da educação e do trabalho. Os critérios de buscas nos repositórios e periódicos foram: área das ciências sociais, tendo como assunto principal ciências sociais, humanas, ensino e pesquisa; delimitado em os últimos 5 anos (2017-2022); com o descritor memórias e, em idiomas português, espanhol e inglês. Deste modo, as propostas de discussões aqui apresentadas são pautadas em reflexões teóricas referentes à área educacional da população negra, como porta de entrada para ascender ao mundo do trabalho e, considera-se as dimensões educação e trabalho em confluência às formas organizativas para o aumento de pessoas negras em diferentes espaços.

Nesta mesma linha de discussão referente a área educacional, os esforços de lideranças negras e organizações não governamentais incidiram em leis para que na área da educação iniciassem problematizações que inviabilizassem um imaginário social ensoberbado de ensinamentos falaciosos sobre a população negra brasileira. Assim, os desafios relacionados ao imaginário social são confrontados com a implementação da Lei nº 10.639/03, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a qual estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, nas redes de ensino, referentes aos estudos da História e Cultura Afro-Brasileira, visando abrangência no conhecimento às contribuições da população negra para a sociedade, principalmente no mundo do trabalho.

As falácias propagadas referentes às histórias dos negros nas escolas e a negação do uso de referenciais teóricos e/ou literários de autores negros perpetuam-se durante muitos anos. A exemplo desse processo de negação nos currículos escolares sobre produções literárias que evidenciam potencialidades e/ou habilidades de conscientizações políticas de pessoas negras, temos a obra de Carolina Maria de Jesus ([1955-59] 2019) *Quarto de Despejo: diário de uma favela*, escrita nos anos de 1953. Ela só foi veiculada nas academias recentemente, mesmo sendo

uma obra conhecida em vários países e traduzido em 14 línguas (Garcia, 2022). Temos também a obra *O avesso da pele* de Jefferson Tenório (2020), que, mesmo tendo ganhado o Prêmio Jabuti, a secretaria de Educação do estado do Paraná proibiu que o livro fosse lido nas escolas estaduais que oferecem o Ensino Médio. O livro retrata vivências de um homem negro que traz em sua trajetória as experiências de humilhação social (Gonçalves, 1998) e de violências policiais, culminando na morte do protagonista da história, morte essa ocorrida em uma abordagem policial.

Embora o foco da discussão aqui seja evidenciar os atravessamentos aos quais as mulheres negras estão expostas, não poderia deixar de explicitar que, nos dias atuais, as resistências relacionadas às histórias contadas por pessoas negras, em perspectivas críticas literárias, ainda enfrentam dificuldades em sua propagação.

O livro de Jesus (2019) apresenta uma biografia de uma mulher negra vulnerabilizada socialmente, migrante de Sacramento – Minas Gerais, mãe solo com três filhos, e que trabalhava em situação de precarização, tanto como doméstica, quanto catadora de papel; que por meio da escrita se torna escritora, lançando não só obras literárias, como também, gravação de algumas músicas. Sendo o Quarto de Despejo: diário de uma favelada, um livro que não tem como objetivo atender os preceitos de rigor científico; vê-se nos relatos de Jesus ([1955-59] 2019) conceitos que expressam as dimensões históricas, culturais e sociais, dando contorno à construção subjetiva e visão de mundo, na interface entre o cotidiano e suas representações.

Cotidianamente, Jesus ([1955-59] 2019) utilizava a escrita como elemento constitutivo de visão crítica à realidade a que ela estava submetida, materializando os sentidos que os atravessavam em seu processo histórico e dando significados a eles. Sendo a materialidade dos signos uma comunicação das mazelas as quais ela estava submetida e, a expressão do desejo de uma nova história de vida.

A expressa negação de discussões concernentes às realidades as quais a população negra estava exposta, propiciou formas de discriminação e de ausências de comprometimento que dificultam garantias de “equalização racial no Brasil” (Osório, 2008: 91, citado por Carvalho, 2013: 81). Assim, para que a equidade se apresente concretamente, faz-se necessário pensar sobre o imaginário social e confrontá-lo com a real história, evidenciando as contribuições nos modos existenciais, nas vivências e experiências da dinâmica familiar, nas crenças e culturas de pessoas negras, que igualmente possibilitaram o aumento de patrimônio imaterial (IPHAN, 2000) e no mundo do trabalho.

Ao nos apropriarmos de discussões mediadas no vértice crítico da história, as chances de construção de memórias que assumem um caráter político, social e cotidiano mais próximo da realidade, possibilitam uma visão de mundo do trabalho com equalização racial mais justa. Frente ao cenário de desigualdade social que persiste em destacar as diferenças raciais fica a pergunta: Porque determinadas parcelas da sociedade, não desfrutam das mesmas oportunidades de trabalhos, ainda que essa parcela, tenha similaridade em suas formações acadêmicas, diferenciando-as tão somente em suas características raciais?

O questionamento não tem um caráter em obter respostas simplistas de um único fator, mas permite que tomemos contato com elementos que proporcionem intersecções entre os marcadores sociais, para assim avançarmos na compreensão das representações sociais nos diferentes espaços institucionais. Ao tomarmos como exemplo a obra de Jesus ([1955-59] 2019)

contextualizando processos históricos políticos, tem-se demonstrações da importância da literatura na construção de memórias:

a Florenciana perguntou-me: - De que partido é aquela faixa? Li P.S.D.B. e respondi Partido Social Brasileiro. Passou o Senhor Germano, ela perguntou novamente: - Senhor Germano, esta faixa é de que partido? - Do Janio! Ela rejubilou-se e começou a dizer que o Dr. Adhemar de Barros é um ladrão. Que só as pessoas que não presta é que aprecia e acata o Dr. Adhemar. Eu e D. Maria Puerta, uma espanhola muito boa, defendíamos o Dr. Adhemar (Jesus, 2019: 17-18).

Neste trecho, encontram-se convergências ao que é discutido por Rancière em *O Desentendimento*, quando ele assevera que o conflito determinado pelas palavras, não está na contrariedade daquele que diz branco e aquele que diz preto, mas no conflito em que ambos dizem a mesma coisa utilizando o mesmo nome, no entanto, sem reconhecer o que o outro fala (Rancière, 1996).

Vale destacar que memórias políticas e do cotidiano entendemos que o papel histórico é essencial para a produção da memória, uma vez que “o processo de recuperação da memória história é, em si mesmo, a construção de uma memória política” (Ansara, 2008). A partir dessa discussão, nos deparamos com aspectos da realidade no mundo do trabalho retratado por Carolina Maria de Jesus, os quais evidenciam a necessidade de suportes reais, como apresentado no trecho que segue: “Trabalhei apreensiva e agitada. A minha cabeça começou a doer. Elas costuma [sic] esperar eu sair para vir no meu barracão expandir [sic] os meus filhos. (...) Há os que trabalham. E há os que levam a vida a torto e a direito. As pessoas de mais idade trabalham, os jovens é que renegam o trabalho.” (Jesus, 2019: 19).

Pode-se inferir nesse aspecto, a precarização do trabalho; uma situação criticada pelo feminismo negro, que salienta que, a liberdade da mulher branca tem sido feita às custas da exploração da mulher negra (González, 2022). Questão essa, referente a perpetuação da exploração da força de trabalho das pessoas menos favorecidas, destacada por Cida Bento (2022) em seu livro “O Pacto da Branquitude” que problematiza sobre a importância da preservação da memória para que as ações desumanas sejam combatidas pautadas também na história.

De fato, trabalhar o território da memória é reafirmar que não se trata apenas de recordações ou interpretação. Memória é também construção simbólica, por um coletivo que revela e atribui valores à experiência passada e reforça os vínculos da comunidade. E memória pode ser também a revisão da narrativa sobre o passado “vitorioso” de um povo, revelando atos anti-humanitários que cometeram - os quais muitas vezes as elites querem apagar ou esquecer (Bento, 2022:39).

Como podemos observar, há confluência entre as autoras (Jesus, 2019; Bento, 2022) no que tange a importância de registros históricos, como forma de materializar as ações de relacionamentos interpessoais e, rechaçar a perpetuação da discriminação. Neste sentido, Jesus (2019) buscou transpor as determinações sociais da então época a partir da escrita, acreditando que suas produções possibilitariam mudanças significativas, tendo a apropriação de conhecimento intelectual um meio que pudesse proporcionar mudanças na forma de existir (Domingues, 2008).

As mudanças também dependiam de oportunidades no mundo do trabalho, pois segundo Lélia González (2022) no texto *A mulher negra*, onde é problematizado dados dos censos demográficos, desde o período de 1950, ao fazer referência a escolaridade da mulher negra na década de 1950 que atingia, no máximo, o segundo ano primário (fundamental I), também pontua que a conservação da mulher negra em trabalhos de subordinação são processos que reforçam um imaginário de inferioridade de representações sociais.

Diante do que mencionamos até aqui, o cotidiano é marcado pela complexidade da existência em suas diferentes maneiras de estar no mundo. Dentre as diferentes manifestações existenciais, a escrita dá contorno ao mundo e suas representações (Middleton & Edwards, 1990), tem-se aí elementos que são expressos nas suas mais diversas formas como: a fala, a escrita, a memória, os registros; de forma concreta construindo/contribuindo para as visões de mundo.

Considerando que a fala por meio do discurso, contribui para a construção do imaginário social, produzindo sentidos, faz-se necessário o enfrentamento conjunto nas diferentes instâncias, às crenças e discursos que caracterizam imagens depreciativas. Recentemente presenciou-se declarações da Ministra de Planejamento (Camargo, 2023) de que era “difícil levar mulheres pretas para trabalhar em Brasília”, justificando que a dificuldade estava na condição que a mulher negra ocupa como “arrimo de família”, expressão conhecida como a responsabilidade de uma pessoa pelo sustento financeiro familiar. Na declaração feita pela Ministra de Planejamento sobre a mulher negra ser o “arrimo de família” está implícito um imaginário social de recorte único, sem a possibilidade de imaginar um novo estrato social na multiplicidade dos processos históricos.

É fato que, os dados ainda apresentam um estrato social que necessita de maiores investimentos de políticas públicas que assegurem o acesso à área educacional, como também, apresentam números significativos da população negra em condições de ocupar o mundo do trabalho de forma qualificada; as quais esperam por oportunidades de trabalho (Silva & Braz, 2020; Silva, 2012, 2013, 2018). Dito isto, apresenta-se os dados demográficos do atual contexto histórico sobre o nível de instrução das mulheres, expressando os avanços e os desafios, para que políticas públicas sejam pensadas e empreendidas, no intuito de melhores condições de vida de trabalho para as mulheres negras, as quais ainda ocupam um ranking abaixo da renda média da população. Segundo o IBGE (2018), as diferenças de rendimento salarial entre mulheres e homens, dos grupos etários de 25 a 29 anos, são 14,26% - R\$242,00, sendo R\$ 1.604,00 para as mulheres e R\$ 1.846,00 para os homens.

As diferenças de rendimentos salariais não são mediadas só pelo sexo, mas também pela variável raça/cor, pois as proporções de pessoas brancas em cargos de Dirigentes e Gerentes são de 64,1% e de profissionais das ciências e intelectuais são 60,4 %, são maiores do que a ocupação de pessoas negras nestes mesmos cargos. Aos trabalhadores pretos e pardos, são direcionados os trabalhos de operários e artesões da construção, das artes mecânicas e outros ofícios; como principais funções a desempenhar, resultando em 60,3% desses trabalhadores nessas funções. Sintetizando os dados mencionados, a tabela 1 fica como segue:

Tabela 1- Informações sobre rendimentos salariais e diferenciação de trabalho.

	Homens 25 a 29 anos	Mulheres 25 a 29 anos	Diferença salarial por sexo F/M	Trabalhador Branco	Trabalhador Preto/pardo
Salários	R\$1.846,00	R\$1.604,00	14,26%	—	—
Cargos de Dirigentes/Gerente	—	—	—	64,1%	—
Intelectuais	—	—	—	60,4%	—
Serviços Operários	—	—	—	—	60,3%

Fonte: IBGE, 2018. Elaboração própria.

Como pode ser observado na tabela 1, os dados refletem um cenário de desigualdades e, estratificação de trabalhos que consolidaram os serviços considerados menos privilegiados para as pessoas negras/parda, os quais possibilitam uma distribuição de renda também diferenciada.

No entanto, quando comparado a faixa etária de trabalhadores de nível de instrução escolar, verifica-se que o nível de escolaridade das mulheres poderia proporcionar para as elas melhores rendimentos salariais.

De acordo com o Censo Demográfico de 2019, concernente à variável cor/raça, nota-se que o Censo apresenta dados que demonstram um número expressivo de mulheres negras com qualificação para desempenho de trabalho. Mesmo que as diferenças numéricas de acesso aos estudos e de desigualdades apresentem necessidades de um contínuo trabalho a ser feito, não se pode deixar de levar em consideração as mudanças que têm ocorrido.

Tabela 2 - Pessoas com nível de instrução, no Brasil, verificadas pelas variáveis cor/raça e idade, referente ao ano de 2019

Nível de instrução-Brasil	Idade	Mulheres	Homens	Preta/Parda	Branca
Sem instrução	25 anos ou mais	—	—	5.720	2.093
Ensino fundamental incompleto ou equivalente	25 anos ou mais	—	—	25.367	15.332
Ensino fundamental completo ou equivalente	25 anos ou mais	—	—	5.890	4.569
Ensino médio incompleto ou equivalente	25 anos ou mais	—	—	4.085	2.170
Ensino médio completo ou equivalente	25 anos ou mais	—	—	20.511	16.329
Ensino superior incompleto ou equivalente	25 anos ou mais	—	—	2.549	2.957
Ensino superior completo ou equivalente	25 anos ou mais	—	—	7.958	14.665

Fonte: IBGE2022. Elaboração própria.

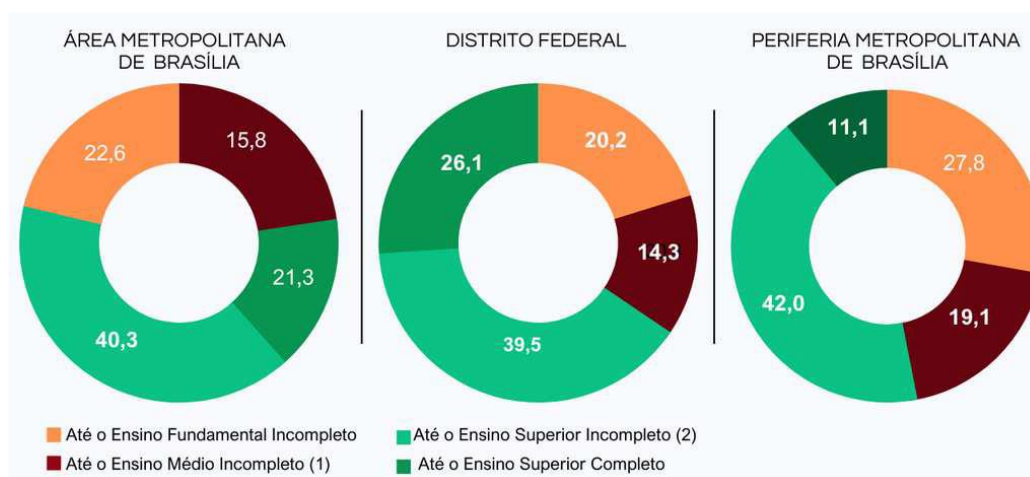
Embora o total de 7.958 de mulheres negras em território brasileiro com nível escolar de ensino superior seja quantitativamente menor, comparado ao total de mulheres brancas com o mesmo nível escolar, as disparidades numéricas entre esses dois públicos não podem atestar justificativas de menos contratação de mulheres negras para áreas de trabalhos com melhores remunerações. São diferentes fatores imbricados no escopo social que corroboram com a

manutenção da desigualdade social, sendo a territorialidade um deles a se somar às variáveis supracitadas, gênero, raça/cor e escolaridade.

Fazendo um recorte territorial, na região Metropolitana de Brasília a distribuição da população segundo sexo e cor, em 2022, apresenta um percentual de 13,9% de homens Não Negros, 32,4% de Homens Negros, 17,8 % de Mulheres Não Negras e, 35,9% de Mulheres Negras, sendo 31,6% de mulheres negras concentrada na periferia Metropolitana de Brasília. Ou seja, nesse retrato social as mulheres negras estão mais concentradas em territórios periféricos, evidenciando as desigualdades de moradia.

Por outro lado, nessas áreas territoriais, também se concentram um número expressivo de mulheres negras que estão nas estatísticas de pessoas que incidiram na área educacional, com condições mínimas exigidas, a ocupar trabalhos com melhores rendimentos salariais.

Gráfico referente a proporção de mulheres negras segundo a escolaridade e a região de moradia, na área Metropolitana de Brasília, em 2022



Fonte: IPEDF e DIEESE 2022.

Conforme apresentado no gráfico, nota-se que são 11,1% de mulheres negras no ensino superior completo; número esse que traça um novo perfil de mulheres negras na sociedade a contrapor ao imaginário social que insiste em relegar as mulheres negras em um recorte único de impossibilidade ao campo de trabalho com melhor remuneração. Como dissemos anteriormente, não há uma resposta simplista para o enfrentamento às desigualdades sociais, mas as discussões aqui propostas, norteiam para algumas ações possíveis a serem ressignificadas na práxis.

3. O Imaginário Social e as Contribuições de Memórias

Nesta mesma linha de construção do imaginário social referente ao perfil de candidatos para o trabalho, tem-se as discussões empreendidas por Lélia González (1988), explicitando que os elementos culturais dão suporte para que a subjetividade e a objetividade formem novas formas de linguagem, como também, formas de resistência; ela propõe novos conhecimentos, e problematiza a questão do discurso relacionado a “democracia racial”, evidenciado em sua obra *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*, organizado por Flávia Rios e Márcia Lima (2022).

Segundo Lélia (1988), a juventude negra brasileira é marginalizada pelo processo hegemônico que monopoliza o capital e subjuga a população preta com subempregos. Ela destaca que as questões de superioridade, cor, gênero, classe, linguagem, e emocional, são categorias que precisam estar em discussão, considerando o mundo do trabalho.

Tem-se nesse cenário indicações da construção da memória, tal qual é asseverado pelo sociólogo Maurice Halbwachs e o psicólogo Frederic Charles (Santos, 2003), que a memória é uma construção social possibilitando o imaginário social. E pontuam que as lembranças do passado são construções sociais que orientam o presente, incidindo em realizações no presente nas diferentes dimensões, sejam elas formações religiosas, políticas ou econômicas; como basilares aos padrões de vida de uma determinada classe.

Neste sentido, Halbwachs (1990) diz que tanto as representações sociais, como, as práticas coletivas, proporcionam recordações que não são meramente do indivíduo, mas uma lembrança que abarca histórias, vivências com o outro, que dão contorno à visão de mundo da pessoa e a constitui como sujeito interpessoal, inserida nos diferentes espaços, elementos esses que não são uma adição como dois mais dois são quatro, mas na lógica dialética, em que o sujeito impacta e é impactado pelo outro.

Deste modo, vale lembrar a importância do discurso nas mais variáveis formas e lugares; sejam na grande mídia, nas redes sociais, nos bairros, nas vizinhanças, se faz necessário pensar nas contribuições que o discurso proporciona para o sujeito.

As discussões propostas por Halbwachs (1990) relacionadas aos fatores que constituem a pessoa quanto sujeito de sua história, é perceptível na literatura de Jesus ([1955-59] 2019), embora não estejam conceituadas, tais aspectos estão em seus relatos a partir de um cotidiano mediado pela linguagem, pela escrita, pela ação, pela sua interação com o Outro.

Autores como Halbwachs (1990), Lélia González (1988), Soraia Ansara (2008) e Frederic Charles, Jesus (2019) e Rancière (1996) apresentam discussões que estão intrinsecamente ligados ao pano de fundo sociocultural e político e permitem desenhar as diversidades e suas contrariedades. Isso possibilita-nos pensar criticamente em que medida os aspectos das memórias se produzem concomitantemente aos legados históricos, culturais e sociais e poderiam contribuir para a ascensão de pessoas negras no mundo do trabalho.

Dito de outra forma, as intersecções teóricas revelam a multiplicidade dos atravessamentos que a pessoa negra/parda pode estar sujeita, e possibilitam reflexões relacionadas aos diferentes contextos presentes no mesmo território nacional e, desafia outros modos de visão de mundo.

Assim, considerar a possibilidade em que as memórias sociais não abarquem uma figuração segmentada e de segregação por influências estigmatizantes, é garantir, por meio do multiculturalismo, a valorização da diversidade - entre a população negra - nas memórias sociais, pessoal, política, bem como a participação política na e para o mundo do trabalho.

Considerações Finais

As proposições têm como horizonte, pensar os diferentes elementos, tais como memórias, imaginário social, discurso, em uma perspectiva social crítica, considerando a contemporaneidade e os processos ligados aos atos de construção histórica e tendo como público-alvo as mulheres negras. Neste sentido, é importante ter um compromisso ético político que garanta uma trajetória livre de humilhação social (Gonçalves, 1998), com possibilidade de contribuir para um imaginário social que valorize o papel da mulher negra na sociedade, e mundo de trabalho. Como se sabe, a população negra está permanentemente vulnerabilizada e em especial a mulher. Essa vulnerabilidade sistêmica, histórica, pôde ser vista de maneira clara na pandemia do corona vírus, momento onde os postos de trabalho dessa parcela da população foram gravemente afetados (Machado e cols., 2022).

A literatura escolhida reverbera registros de um passado que demonstra os esforços para ascender de um estrato social de discriminação e de precarização de trabalho para uma realidade digna. Assim como, explicita o empenho de uma mulher que ultrapassou as barreiras sociais, subsidiada pela eloquência de sua escrita, conscientização de sua existência (Freire, 1987), e produção literária de condições reais a qual era submetida (Jesus, 2019), sem conformismo ou passividade à situação concreta que vivia.

Já no que se refere aos dados do Censo de Demográfico discutido por Lélia González (1988), apresentam-se desafios a serem enfrentados e conflui com os atuais desafios de instrução de estudos, mas reserva conquistas das quais não podem ser invisibilizadas, para não cair na compreensão inadequada de que às mulheres negras, está reservado o “lugar de arrimo de família” como única condição possível. Tem-se também as mídias como mecanismos utilizados nos discursos os quais poderão contribuir ou não com o imaginário social, a depender da forma como é utilizado o veículo de comunicação.

Na tessitura dos diferentes elementos que viabilizam construções atravessadas por disseminações falaciosas, cabe um esforço conjunto para a propagação de informações que evidenciam as contribuições realizadas pela população negra brasileira em sua diversidade existencial. Este artigo indica a importância em ter estudos relacionados as obras literárias das diversas pessoas negras, as quais problematizam as lutas e conquistas da população negra para que o aprofundamento no conhecimento da história dessa população, possa auxiliar na visão de mundo de trabalho, tendo como protagonista a diversidade no campo do trabalho.

Referências Bibliográficas

- Ansara, Soraia. (2008). Memória Política: construindo um novo referencial teórico na psicologia política. *Revista Psicologia Política*, 8(15), 31-56. Acessado em 15 de abril de 2023, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2008000100004&lng=pt&tlng=pt
- Camargo, Isabela. (2023, 05 de janeiro de). Reportagem: Tebet diz que quer montar equipe com diversidade, mas que 'é difícil' levar mulheres pretas a Brasília: 'Arrimo de família'. *GloboNews*. Acessado em 15 de abril de 2023, de: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/04/tebet-diz-que-quer-montar-equipe-com-diversidade-mas-esta-com-dificuldade-de-contratar-mulheres-pretas-arrimo-de-familia.ghtml>
- Domingues, Petrônio. (2008). Um "templo de luz": Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. *Revista Brasileira de Educação*, 13(39), 517-534. Acessado em 15 de abril de 2023, de: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782008000300008>
- Freire, Paulo. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Garcia, Maria Fernanda. (2022). Observatório do terceiro setor. Acessado em 15 de abril de 2023, de: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/pobre-e-negra-enfrentou-preconceito-e-teve-livro-traduzido-para-14-linguas/#:~:text=Em%201958%2C%20teve%20seu%20di%C3%A1rio.ser%20traduzido%20para%2014%20%C3%ADnguas>
- Gonçalves Filho, José Moura.. (1998). Humilhação social - um problema político em psicologia. *Psicologia USP*, 9(2), 11-67. Acessado em 15 de abril de 2023, de: <https://doi.org/10.1590/S0103-65641998000200002>
- González, Lélia. (2022). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar.
- Halbwachs, Maurice. (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Anual - PNADC/A. Acessado em 07 de janeiro de 2023, de: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pnadca/tabelas>
- IPDH/DIEESE. (2023) Mulheres Negras. *PED Boletim Anual*, 32(4). Acessado em 27 de julho de 2023, de: <https://www.dieese.org.br/analiseped/2023/2023MulheresNegrasbsb.pdf>
- IPHAN. (2000). *Patrimônio Imaterial*. Acessado em 09 de julho de 2023, de: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>
- Jesus, Carolina Maria. (2019). *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. São Paulo. Ática.
- Machado, J., Gaspar Guedes, B., Moraes Ferreira, N., Randoli Buosi, C. A., Costa dos Santos, H. V., & Barros, H. S. (2022). População Negra e Coronavírus na Cidade de São Paulo (Y. Alves, Trad.). Acessado em 09 de julho de 2023, de: <https://revistas.usp.br/rgpp/article/view/187422>
- Middleton, David., & Edwards, Derek. (1992). *Memória Compartida: La naturaleza social del recuerdo y del olvido*. Barcelona: Ediciones Paidós.
-

- Orlandi, Eni. (1994). Discurso, imaginário social e conhecimento. *Em aberto*, 14(61), 52-59. Acessado em 09 de julho de 2024, de: <https://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2250>
- Rancière, Jacques. (1996). *O desentendimento – política e filosofia*. São Paulo: Editora 34.
- Santos, Myrian S. (2003). *Memória coletiva & teoria social*. São Paulo: Editora Annablume.
- Sawaia, Bader. (2001). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Silva, Alessandro Soares da. (2012). *Psicologia Política, Movimentos Sociais e Políticas Públicas*. Tese de Livre-Docência. Universidade de São Paulo.
- Silva, Alessandro Soares da. (2013). Un Enfoque Psicopolítico de las Políticas Públicas. *Revista Electrónica de Psicología Política*, 11(30), 1-6. Acessado em 04 de março de 2023, de: https://www.researchgate.net/publication/344664075_Un_Enfoque_Psicopolitico_de_las_Politicas_Publicas_Un_Enfoque_Psicopolitico_de_las_Politicas_Publicas
- Silva, Alessandro Soares da. (2018). A Ação Pública: um outro olhar sobre Estado, Sociedade e Políticas Públicas. *Revista Gestão & Políticas Públicas*, 8(1), 194-204. Acessado em 25 de fevereiro de 2022, de: <http://www.psicopol.unsl.edu.ar/pdf/JulioAgosto2013-Articulo01.pdf>
- Silva, Alessandro Soares da., Mello-Théry, Neli Ap., & Romero, Juan Carlos. (2018). Reflexiones acerca del cambio social y participación política como campo interdisciplinar de producción del saber. *Revista de Investigación Psicológica*, 20, 83-96. Acessado em 25 de fevereiro de 2023, de: http://www.scielo.org.bo/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2223-30322018000200007
- Silva, Alessandro Soares da., & Braz, Sandra Regina Ramos. (2020). Orientação Vocacional, Raça e Poder: implicações psicopolíticas de processos de dominação social. *Revista Electrónica de Psicología Política*, 18(44), 59-79. Recuperado de <http://www.psicopol.unsl.edu.ar/REPP-A18-N44-Art04.pdf>
- Taylor, Charles. (2002). *Modern social imaginaries*. *Public Culture*, 14(1), 91-124.
- Taylor, Charles. (2015). *Encanto y desencantamiento: secularidad y laicidad en Occidente*. Maliaño: Editorial Sal Terrae.
- Tenório, Jefferson. (2020). *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Thiesen, Juarez S. (2008). A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. *Revista Brasileira de Educação*, 13(39), 545-54. Acessado em 25 de fevereiro de 2023, de: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782008000300010>

Recebido em 19/11/2022.
Revisado em 12/09/2023.
Aceito em 21/10/2023.

